



O 1º de Maio nom é um dia de festa, nom celebramos o assassinato de 8 companheiros anarquistas por lutar entre outras cousas pola jornada de 8 horas que agora temos, quando nom se duplicam as jornadas, e matará-nos o trabalho mas nom a luta polos nossos direitos. Por isso este 1º de Maio que a raiva e a carragem saiam à rua còvado a còvado coas precárias, nom para pedir esmola ao capital ou greve aos sindicatos, senhora, demonstrar a força que temos como classe!

Colhamos as rendas das nossas vidas, fartas de ser precárias, fartas de sindicatos em aliança coa patronal.

Companheiras que este 1º DE MAIO SEJA O PRIMEIRO PASSO PARA UMHA GREVE GERAL INDEFINIDA! Sobram-nos os motivos!

Abaixo o trabalho!!!

A HISTÓRIA E A FARSA

Dilatada e cruenta é a história das luitas sociais, e nela cada continente, cada país, cada região do mundo tem as suas páginas nutridas cos seus próprios heróis e mártires, coa sua cota de sangue e bágoas. Mas há nessa história episódios que, pola sua significaçom, polos seus perfis exemplares, pola sua influência definitiva projetada cara ao futuro, transcendêrom todas as fronteiras geográficas e idiomáticas, convertendo-se em símbolo, em dinâmico e vital símbolo para os que figérom da conquista da liberdade o norte da sua vida. O seu recorde os comove e os enaltece, tonificando magicamente as suas esperanças.

Durante muitas décadas o Primeiro de Maio teve essa virtude. O seu recorde paralisava as cidades e citava nas ruas a todos os trabalhadores, para render homenagem aos mártires de Chicago e reafirmar, sobre todo, a verdadeira significaçom do seu sacrifício e a intençom da sua dramática mensagem, pronunciado com vozes «mais poderosas que a morte». E em todas partes os sustentadores do regime capitalista, herdeiros desse histórico crime, castigárom cada ano com renovada repressom a altiva e respeitosa homenagem dos trabalhadores. Com

todo, cada ano, estes voltavam às ruas para reivindicar com mais dignidade, com mais respeito e coragem, os ideais que levaram à morte aos enforcados de Chicago.

Pero o que nom puido lograr nem a perseguiçom nem o terror policial, conseguiu-no umha habilidosa, paciente e bem montada máquina de domesticaçom política e falsificaçom da história, cujo bem-sucedido propósito foi o de desvirtuar a origem do Primeiro de Maio, diluir e converter em anódino palavreado melindroso o seu significado de orientador exemplo para os trabalhadores, entregando às novas geraçõs obreiras umha imagem grotesca da data, convertida em carnavalesca celebraçom na que exploradores e explorados confraternizam e brindando pola convivência pacífica através da conciliaçom de classes.

Neste plam estatal colaborárom magnificamente os sindicalistas burocráticos e neutros, os intelectuais aguados e «nom comprometidos» e essa espécie de artistas que oferecem o seu histrionismo tanto como para um varrido como para um esfregado.

É necessário que os moços de hoje conheçam a verdade sobre o Primeiro de Maio. A verdade sobre quem decidiu o crime e os inconfessáveis motivos do mesmo. A verdade sobre os homes que fôrom levados ao patíbulo e porque o fôrom. É necessário que os moços advirtam a mentira e compreendam que o Primeiro de Maio nom é umha simples data festiva no al-

manaque, nem muito menos um episódio que o tempo desvalorizou porque as causas que os provocárom perdessem vigência. A sua gravitaçom continua sendo invalorizável nesta batalha de séculos pola liberdade, a igualdade, a ajuda mútua, a solidariedade e desde a Comuna de Paris de 1871 em diante, a emancipaçom social dos trabalhadores.

Ricardo Melha em *A tragédia dos mártires de Chicago, 1889.*

Aqui algumas das últimas palavras dos anarquistas assassinados em Chicago.

Michael Schwab

Falarei pouco, e seguramente nom despegaria os beijos se o meu silêncio nom se puidesse interpretar como um covarde assentimento à comédia que se acaba de desenvolver. O que aqui se processou é a anarquia, e a anarquia é umha doutrina hostil oposta à força bruta, ao sistema de produçom criminal e à distribuìçom injusta da riqueza. Os senhores e só os senhores som os agitadores e os conspiradores.

Adolf Fischer

Somente tenho que protestar contra a pena de morte que me imponhem porque nom cometim crime algum... pero se hei de ser enforcado por professar as minhas ideias anarquistas, polo meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade, entom nom ten-

ho inconveniente. Digo-o bem alto: disponham da minha vida.

Albert Parsons

O princípio fundamental da anarquia é a aboliçom do salário e a substituiçom do atual sistema industrial e autoritário por um sistema de livre cooperaçom universal, o único que pode resolver o conflito que se prepara. A sociedade atual só vive por meio da repressom, e nós aconselhamos umha revoluçom social dos trabalhadores contra este sistema de força. Se vou ser enforcado pelas minhas ideias anarquistas, está bem: matem-me.

Hessois Auguste Spies

Honorável juiz, a minha defesa é a sua própria acusaçom, os meus pretendidos crimes som a sua história. [...] Pode sentenciar-me, pero polo menos que se saiba que no estado do Illinois oito homes fôrom sentenciados por nom perder a fé no último triunfo da liberdade e a justiça.

Louis Lingg

Nom, nom é por um crime polo que nos condenam à morte, é polo que aqui se dixo em todos os tons: condenam-nos à morte pola anarquia, e devido a que se nos condena polos nossos princípios, eu berro bem forte: som anarquista! Os desprezo, desprezo a sua ordem, as suas leis, a sua força, a sua autoridade. Enforcuem-me!

CONTRA O PATRIARCADO, CONTRA O CAPITAL, A JUSTIÇA POLA MAO



A sentença contra a mal chamada Manada nom nos surpreende. Nunca acreditamos nesta justiça burguesa, classista e patriarcal. Nunca nos garantiu mais do que a miséria para as pobres e o resguardo dos interesses e ideologias dos poderosos.

Nem 9, nem 20 anos de cadeia vam mudar as ideias dum punhado de violadores. Reterá-os mais tempo afastados das ruas, mas a prisom nem reinsere nem melhora as pessoas. Por isso nom saímos à rua para pedir um endurecimento das condenas, se nom por solidariedade coa nossa companheira, quem nom foi somente violada, senom também questionada, humilhada e vexada por esta “justiça” podre contra a que nos manifestamos. Se queremos justiça, esta há passar polas nossas maos. Nom há ser desde os tribunais que nos digam o que é umha agressão ou umha violação. Som os nossos corpos, somos nós quem o sabemos. E estamos fartas. O que nos fica é a autoorganização e a autodefesa. Assim que machistas, tede cuidado. Feminismo ou barbárie! PS.: Juiz Ricardo González e os restantes 16 coleguitas do grupo de guasap da Manada, estades também na nossa lista.

SABIAS QUE O PRIMEIRO DE MAIO TAMBÉM HÁ UMHA GREVE?

O distanciamento dos cárceres coas cidades e as zonas habitadas, os muros mentais, a falta de consciência, a crença de umha linha entre os bons e os maus, ... Nom sabemos quais som as razons, nem qual delas tem mais força para que chegue a este ponto, no que as pessoas que estão encerradas no Sistema Penitenciário importem tam pouco e gerem esta terrível falta de empatia fora.

Queremos sacar, por um instante, a voz destas pessoas que estão a lutar. Elas mesmas escreveram umha proposta de luta coletiva onde evidenciam a situação à que se vem sistematicamente submetidas, o abuso de poder, agressões, torturas físicas e psíquicas continuadas, e umhas condições de existência desumanas e degradantes em multitudom de aspetos: abandono médico-sanitário, exploração laboral, indefensom jurídica, discriminação cultural, inexistente liberdade de expressom, etc

EIS A PROPOSTA:

- O fim das torturas, agressões e tratos vexatórios, degradante e da impunidade dxs carcereirxs na sua prática em todas as prisons do estado espanhol.
- A erradicação dos FIES, abolição do chamado regime especial de castigo, e fechamento absoluto dos departamentos de isolamento.
- Fim da dispersom dxs presxs.
- Que os serviços médicos nom estejam adscritos a Instituições Penitenciárias, se nom que sejam independentes delas.
- A aplicação imediata dos artigos 104.4 e 196 RP a todos xs enfermxs crónicxs sem que exista requisito de que entrem em fase terminal.
- Em relação axs enfermxs mentais exigimos que sejam tratadx adequadamente em locais apropriados para isso e nom nos cárceres.
- Que os programas com metadona, tratamentos psiquiátricos, etc. vão acompanhados de grupos de apoio, terapeutas, etc. Independentes das Instituições Penitenciárias .
- Que tenha abertura de investigação, esclarecimento e delimitação de responsabilidades por xs companheirxs mortxs nos cárceres do estado espanhol.
- Que as estruturas carcerárias abram as suas sala de aulas, oficinas, academias, etc.
- Acessos formativos e culturais para xs presxs que tratam de irrecuperáveis
- Que os módulos de respeito não sejam utilizados como montras.
- Que se deixe de cachear integralmente às famílias e amizades visitantes.
- Exigimos aos tribunais, forças de segurança do estado e repressorxs várixs que nom criminalizem a solidariedade entre pessoas.
- Os meios de desinformação nom darão cobertura, também nom a queremos nem a precisamos. Ajudas-nos a que a sua voz ressoe fora?

«A nossa época
nom necessita de
consignas poéticas,
senom executalas»

INTERNACIONAL SITUACIONISTA

A 50 anos do Maio do 68 as ruas revoltam-se no território francês, ocupantes da ZAD resistem ao despejo das terras tomadas, estudantes organizam-se e tomam as ruas, trabalhadores ferroviários cumprem ja um mês de greve. No terceiro número de Ardora adicamos umha secção as loitas que venhem sucedendo nos últimos anos na França.

Ardora

(s)edições anarquistas

SAE O TERCEIRO NÚMERO!

Neste terceiro número falaremos entre outras cousas sobre as greves gerais na França, sobre o 8 de março, sobre o cinema de ficção anarquista durante a guerra civil, sobre Manoel Antonio, sobre os contratos laborais e engadiremos umha nova secção de banda desenhada.

Visita a nossa web: ardoraeditora.info

